

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

Arte permutacional

Para muitos artistas contemporâneos, a arte não é caos, catarsis, exorcismos formais ou temáticos. A crise, preferem a construção, ao caos preferem o cosmos. Desejam "o perfil claro e solar", o "espaço de um mundo de luz limpa e sadia, portanto justo", como diz o poeta João Cabral de Melo Neto.

Esses artistas criam seus trabalhos dentro de um universo construtivo, no qual a arte não desempenha papel de espelho e sua produção não reflete estados d'alma, nem realidades exteriores à arte. A única realidade desse universo claro e cristalino é a própria arte. Está claro, porém, que nenhuma arte existe fora do contingente, e desta maneira, mesmo a arte pura pretende, de alguma maneira, modificá-lo. Digamos que esses artistas pretendem, com sua atividade criadora, sugerir a possibilidade de um equilíbrio entre tensões. O rigor formal não deve ser entendido como puro devaneio ou escapismo.

MÚLTIPLO

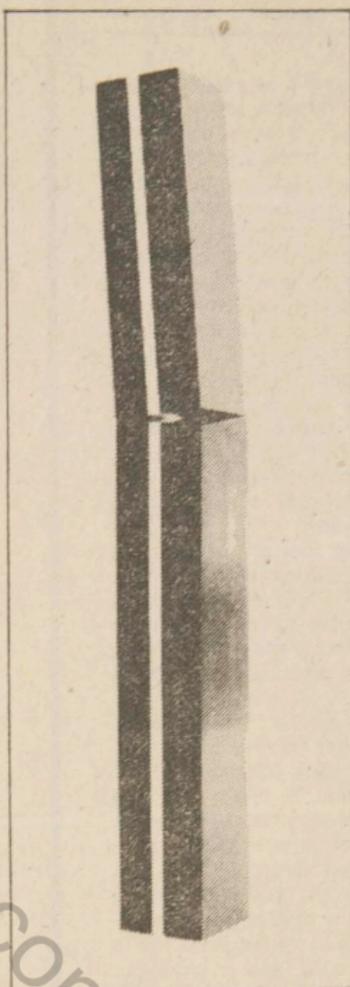
Dentro do polo construtivo, e sem perder de vista suas principais raízes — o construtivismo russo, o neoplasticismo holandês e o concretismo suíço-alemão — bem como os desdobramentos da op/arte cinética, surgiram tendências recentes, que podemos identificar com os nomes de arte programada, arte permutacional, arte cibernética ou arte por computador.

No seu "Livro vermelho da revolução pictórica", Pierre Restany já observara com agudeza que "o importante para o criador de hoje não é fazer signos justos, mas pensar justo. É no rigor do método de objetivação que reside o secreto poder expressivo da forma". Com tal argumento Restany procurava justificar o múltiplo como consequência natural das tendências construtivas da arte em estreita correspondência com a indústria e tecnologia modernas. Para o crítico francês, "a produção em série implica em tiragens ilimitadas. Assim se difundem as idéias puras nas formas justas". Para muitos, entretanto, Michel Ragon entre eles, o múltiplo não passa de uma proposta reformista, nada tendo de revolucionária. Serviu mais ao mercado que à arte. Dentro de sua perspectiva, Ragon tem razão, o que não exclui a validade e o interesse dos múltiplos criados por uns poucos artistas, brasileiros ou não.

PERMUTAÇÕES

Um passo além foi dado pelas *permutações*. Almir Mavignier, que, como Sérvulo Esmeraldo, criou nome fora do Brasil, atuando no mesmo campo, o da construção, esclarece as diferenças entre múltiplo e permutação:

— Em minha obra, permutação não tem um sentido unicamente visual. Trata-se na verdade de um método de reprodução sem repetição. O meu objetivo é multiplicar sem repetir, criar um método combinatório, um jogo de trocas capaz de fazer de cada obra um original. Não basta multiplicar — a saturação viria logo.



Sérvulo Esmeraldo, escultura, acrílico, 1975.

Entretanto, o grande teórico da arte permutacional é Abraham Moles. Para ele, a função social do artista hoje mudou: "de criador de obra única tornou-se essencialmente promotor de acontecimentos artísticos, sejam originais mas destinados à reprodução, sejam permutacionais, isto é, produtos de um algoritmo sistematicamente aplicado num campo de possibilidades escolhido pelo artista para combinar um certo número de elementos de variedade limitada". Ou seja, a arte permutacional procura equilibrar valores individuais com os valores sociais gerados pela máquina e pela sociedade de massa. Inscreve valores estéticos numa sociedade tecnológica. Um dos elementos característicos da arte permutacional ou programada é a combinatória. De um lado, temos um número restrito de elementos formais, demoradamente pesquisados, por isso mesmo simples e de fácil percepção. De outro lado, a maneira estruturada de reuni-los. Ou seja, a combinação dos elementos deverá resultar em uma estrutura na qual se reconheçam ao mesmo tempo, cada elemento e sua relação.

"A escolha dos elementos — diz Moles — está ligada à própria sensualização do meio! opção pessoal. O processo combinatório, o algoritmo, é produto do intelecto. De início restritas ao campo da arte, estas possibilidades podem permitir extrapolações para o mundo contingente. Ler bem uma obra de arte é ler bem o mundo ao nosso redor. Desde que a obra dada à leitura tenha suficiente clareza".